

Entrevista com John Dominic Crossan

“Teologia e História precisam caminhar juntas”.

Vitor Orlando Gagliardo*

Jornalista

***Agradecimento ao Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese (UFRJ) pelo auxílio na escrita deste texto.**

No mês de Julho deste ano, fiz uma entrevista com a maior autoridade em Jesus Histórico, o renomado historiador John Dominic Crossan. Ele, que já esteve no Brasil, em 2007, para participar do I Seminário Internacional do Jesus Histórico (IFCS/UFRJ), falou sobre cristianismo e alertou sobre a importância de Teologia e História caminharem juntas no discernimento entre o Jesus da História e o Jesus da Fé. “A solução é fazer os dois juntos e reconhecer que, na sua dialética, é possível distingui-los, mas não separá-los. Eles são os dois lados da mesma moeda de Jesus - ou você vê apenas um lado da moeda?”.

1. Muito se tem especulado sobre a vida de Jesus. Quais são as certezas que já temos?

(i). As informações mais certas de fora do Novo Testamento vêm a partir de dados combinados no historiador judeu Flávio Josefo, no final do primeiro século e do historiador Tácito Roma no início do segundo século da Era Comum. Observe estes quatro pontos comuns, acrescentados por mim:

"[1. Movimento] Cristo, o fundador do cristianismo, [2. Execução] sofreu a pena de morte no reinado de Tibério, por sentença do procurador Pôncio Pilatos, [3. Continuação] a perniciosa superstição no início do segundo século foi contida em um determinado momento, apenas para quebrar mais uma vez, [4.] A expansão não apenas na Judéia, o lar da doença, mas na própria capital, onde todas as coisas horríveis e vergonhosas no mundo coletar e encontrar uma moda". (Tácito, Anais 15,44)

"[1. Movimento] Sobre este tempo viveu Jesus, um homem sábio, se é que se deve chamá-lo de um homem. Pois foi Ele quem operou maravilhas e foi professor de pessoas, como aceitar a verdade com prazer. Ele conquistou muitos judeus e muitos gregos. Ele era o Messias. [2. Execução] Quando Pilatos, ao ouvi-lo acusado por homens da mais alta posição entre nós, condenou-o a ser crucificado, [3. Continuação] aqueles que em primeiro lugar vieram a amá-lo não desistiram de sua

afeição por ele. No terceiro dia ele lhes apareceu de volta à vida, para os profetas de Deus tinham profetizado estas e inúmeras outras coisas maravilhosas sobre ele. [4.] Expansão e a tribo dos cristãos, assim chamados, depois dele, tem ainda a este dia, não desapareceram". Josefo, Antiguidades Judaicas 18,63-64).

(ii). (2) Os pontos mais certos do interior do Novo Testamento são: (i) que, no início de seu ministério, Ele foi um seguidor de João Batista e aceitou a visão de João, sendo por ele batizado no rio Jordão, (ii) que, com seu próprio ministério, ele mudou a mensagem de João de um fim iminente, ou seja, uma limpeza divina do mal do mundo, a opressão, injustiça e da violência aqui em baixo sobre de uma terra transfigurada: "a tua vontade seja feita na terra" a partir uma intervenção violenta só por Deus à sua própria visão de um fim de colaboração entre um Deus não-violento e uma comunidade não-violenta, e (iii) que, ao final, Pilatos confirmou que ele era um revolucionário não-violento, publicamente e oficialmente executá-lo, mas não atrás de seus seguidores.

2. E o que podemos afirmar como afirmações falsas?

Aquelas declarações que fazem Jesus punitivo, ameaçador ou violento são falsas. Você pode assistir a expansão cronológica de tal linguagem, quando toma os dados de Marcos, através de Mateus e Lucas e em João. O que João diz em camadas anteriores torna-se muito mais grave em camadas posteriores da tradição. De fato, a comunidade evangélica tardia, encontra-se sobre discriminação ou perseguição. A dureza torna-se a linguagem de Jesus. Todo esse clímax, é claro, no livro do Apocalipse, aonde em uma segunda e violenta vinda de Jesus, nega e anula a encarnação como a única e exclusiva vinda não violenta de Jesus como a revelação do caráter de Deus para os cristãos.

3. Papa Bento XVI, em seu livro "Jesus de Nazaré, disse que não há diferenças entre o Jesus histórico e o Jesus da fé. O senhor concorda?

Por um lado, isso é correto na medida em que o Jesus histórico exigia uma adesão de fé no advento do Reino de Deus, tanto anunciada por ele como um convite de colaboração e encarnado por ele como um exemplo pessoal. Nesse sentido, há apenas um Jesus a proclamar o Reino de Deus na Terra, ontem, hoje e amanhã. Ele nunca foi apenas a falar de técnicas agrícolas para a Baixa Galiléia, Ele estava sempre fazendo afirmações escatológicas que exigiu tanto de rejeição ou de aceitação.

Por outro lado, e após a resposta anterior, em (2), o Jesus da fé no Novo Testamento é tanto uma afirmação daquele Jesus quanto uma subversão dele. O Jesus apocalíptico da Segunda Vinda, por exemplo, não é o Jesus da fé, mas uma rejeição daquele Jesus a nossa acomodação dele para a violência normal da civilização.

4. Por que os judeus preferiram Barrabás a Jesus?

Essa história de Marcos não é História, mas uma parábola. Marcos foi escrito depois da destruição do Templo de Jerusalém, a pátria dos judeus pelos romanos durante a rebelião (66-74 da Era Comum). Essa história parabólica foi inventada por Marcos para comparar os dois modos de método-revolução violenta do mal Bar-Abbas ("filho do pai") e o método não-violento do verdadeiro Bar-Abbas (Filho do Pai) . Oh Jerusalém, diz Marcos, que escolheu o salvador errado e veja o que aconteceu. Não é a história sobre a morte de Jesus em 30 dC, mas a parábola sobre a devastação de Jerusalém em 70 dC. Pilatos agiu de forma adequada na parábola: Barrabás, como um revolucionário violento, foi preso junto com seus seguidores, Jesus, como um revolucionário não-violento, foi preso sozinho.

5. A Bíblia fala sobre a infância de Jesus. Tudo o que se sabe sobre esse momento vem dos Apócrifos que não são fontes confiáveis. O que a História pode dizer sobre Jesus neste período?

Nada. Mateus 1-2 e Lucas 1-2 não são histórias baseadas na informação original, mas aberturas parabólicas, cada um ao seu próprio evangelho. É por isso que eles discordam de forma básica e ainda, porque cada um é uma perfeita síntese introdutória do seu próprio evangelho. Recomendo o livro 'O Primeiro Natal' (Borg-Crossan) para o argumento completo sobre esse tema.

6. Por que as religiões não estudam o Jesus Histórico?

O estudo histórico de Jesus deve incluir uma interpretação histórica de suas próprias reivindicações religiosas. É preciso incluí-los e, uma vez que fazem afirmações universais sobre a vida humana, o intérprete dificilmente pode fazer justiça histórica, sem admitir uma reação semeadas com eles. O problema é que a teologia geralmente ignora a História, ou faz-se a teologia e a chama de História. A solução não é ignorar a teologia, ou de fazer teologia e chamar-lhe de História. A solução é fazer os dois juntos e reconhecer que, na sua dialética, é possível

distingui-los, mas não separá-los. Eles são os dois lados da mesma moeda de Jesus - ou você vê apenas um lado da moeda?

7. Muito se fala dos casos de pedofilia dos sacerdotes. O senhor acha que o fim do celibato seria uma solução?

O celibato não causa a pedofilia, mas, sem o celibato, os bispos casados e com filhos em escolas paroquiais teria, espero, atuado muito diferente com as acusações de pederastia. Pelo menos, suas esposas o teriam feito. O celibato é um abuso de poder, mas é apenas a ponta do iceberg de abuso de poder por parte da hierarquia católica romana (que eu nunca vou igualar com a própria Igreja). Esse abuso é contra Deus, Cristo, a Igreja, Povo de Deus e, finalmente, as crianças. O que é necessário é um Conselho do Vaticano III que (1) eliminaria os cardeais e suas congregações, (2) colocaria um Sínodo dos Bispos escolhidos pelas autoridades nacionais e/ou circunscrições étnicas permanentemente em Roma, (3) para liderar a Igreja, juntamente com o Papa e uma limpeza no Vaticano.

8. Com 15 anos, o senhor se tornou um padre. Por que desistiu do sacerdócio?

Eu decidi me tornar um monge e um sacerdote aos 15 anos, em uma ordem religiosa, católica e romana do século XIII – os Servitas. Fiz isso aos 16 anos e fui ordenado sacerdote em 1957. Minha ordem decidiu que eu deveria ser treinado como um professor bíblico, porque eu tinha cinco anos de grego e latim em uma escola clássica, na Irlanda. Fiquei muito feliz com essa decisão, mas foi completamente deles e nunca foi minha para fazer. Eu solicitei e recebi a permissão para deixar tanto o sacerdócio quanto o mosteiro em 1969, porque, tendo sido treinados para pensar, achei que seria impossível fazê-lo honestamente, depois de "Humanae Vitae", a encíclica contra a natalidade. O controle foi emitido, apesar de sérios desentendimentos teológicos em torno do mundo. Mesmo que, naquela época, tinha sido possível se casar e continuar a ser um padre, eu não teria feito a lealdade de dizer a verdade o melhor que eu vi e lealdade para com os meus votos de um monge e sacerdote havia se tornado irreconciliáveis - para mim. O problema, aliás, não estava com a minha encomenda, mas com o Cardeal Arcebispo de Chicago.

9. O senhor já esteve no Brasil para a realização do I Seminário Internacional do Jesus Histórico, em 2007. Pensa em voltar ao país?

Infelizmente, eu nunca mais voltei ao seu maravilhoso país desde aquela época, mas eu fico muito satisfeito com o meu trabalho estar disponível em Português.